GEOUERJ

e-ISSN 1981-9021
ARTIGO

HISTÓRIAS DA GEOGRAFIA HUMANISTA NO BRASIL: A OFICINA FENOMENOLÓGICA DE EDUARDO MARANDOLA JR. E AS ESSÊNCIAS GEOGRÁFICAS

HISTORY OF HUMANIST GEOGRAPHY IN BRAZIL: Eduardo Marandola Jr.'s phenomenological workshop and geographic essences

HISTORIAS DE GEOGRAFÍA HUMANISTA EN BRASIL: el taller fenomenológico y las esencias geográficas de Eduardo Marandola Jr.

RESUMO

Entrevista realizada em 29 de maio de 2023, com o geógrafo humanista brasileiro, Eduardo Marandola Jr., professor da Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp/*Campus* Limeira). Durante a entrevista, Eduardo Marandola Jr. tratou brevemente, de sua trajetória pessoal e de como a Geografia Humanista o alcançou. Realizou reflexões sobre o ofício do geógrafo humanista no século XXI, passando pelo temário dos estudos de Percepção do Meio Ambiente até o processo de fortalecimento dos estudos em Geografia Humanista e dos primeiros impactos causados pela abordagem fenomenológica na produção geográfica brasileira. Por fim, falou particularmente da contribuição dos geógrafos Yi-Fu Tuan e Lívia de Oliveira na chegada, difusão e consolidação dos estudos fenomenológicos na geografia brasileira.

Palavras-chaves: Geografia Humanista; Percepção; Espaço; Lugar.

ABSTRACT

Interview carried out on May 29, 2023, with the Brazilian humanist geographer, Eduardo Marandola Jr., professor at the Faculty of Applied Sciences at the State University of Campinas (Unicamp/Campus Limeira). During the interview, Eduardo Marandola Jr. briefly discussed his personal trajectory and how Humanist Geography reached him. He reflected on the role of the humanist geographer in the 21st century, going through the theme of Environmental Perception studies to the process of strengthening studies in Humanist Geography and the first impacts caused by the phenomenological approach in Brazilian geographic production. Finally, he spoke particularly of the contribution of geographers Yi-Fu Tuan and Lívia de Oliveira to the arrival, dissemination and consolidation of phenomenological studies in Brazilian geography.

Keywords: Humanistic Geography; perception; space; place.

RESUMEN

Entrevista realizada el 29 de mayo de 2023 al geógrafo humanista brasileño Eduardo Marandola Jr., profesor de la Facultad de Ciencias Aplicadas de la Universidad Estadual de Campinas (Unicamp/Campus Limeira). Durante la entrevista, Eduardo Marandola Jr. habló brevemente sobre su trayectoria personal y cómo llegó hasta él la Geografía Humanista. Reflexionó sobre el papel del geógrafo humanista en el siglo XXI, pasando por el tema de los estudios de Percepción Ambiental hasta el proceso de fortalecimiento de los estudios en Geografía Humanista y los primeros impactos causados por el enfoque fenomenológico en la producción geográfica brasileña. Finalmente, habló particularmente de la contribución de los geógrafos Yi-Fu Tuan y Lívia de Oliveira a la llegada, difusión y consolidación de los estudios fenomenológicos en la geografía brasileña.

Palabras-clave: Geografía humanista; percepción; espacio; lugar.

Fagno da Silva Soares [a]

[a] Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão – Campus Açailândia, Açailândia, MA, BR

DOI: 10.12957/geouerj.2024.84450

Correspondência: fagno@ifma.edu.br

Recebido em: 19 mai. 2024
Revisado em: 01 out. 2024
Aceito em: 11 nov. 2024

2024 Soares. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons BY-NC-SA 4.0, que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comercias, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

INTRODUÇÃO

Eduardo Marandola Jr. é professor dos Programas de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências (IG) e Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas (ICHSA/Unicamp). Coordena o Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência (LAGERR/Unicamp) e o Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia[1] (Nomear/Unicamp) ligados a Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/Unicamp). É também pesquisador do grupo interinstitucional Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural[2] (GHUM/UFF) criado e coordenado pelos professores Lívia de Oliveira (*in memorian*) e Werther Holzer. Sua produção acadêmica gira em torno de temáticas ligadas à Geografia Humanista, com destaque para a abordagem fenomenológica, ontologia, epistemologia e para a relação entre Geografia e Literatura, prestando relevante contribuição à produção geográfica brasileira, sobretudo, a Geografia Humanista ao lado de nomes como da geógrafa Lívia de Oliveira. Suas pesquisas também versam sobre perspectivas fenomenológicas, discutindo ontologia, epistemologia e literatura e suas interfaces dos estudos urbanos, ambientais e populacionais. É licenciado e bacharel em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL, 2002, 2003) e Doutorado em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, 2008). Livre-Docente em Sociedade e Ambiente (Unicamp, 2016) com a tese *Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano*. Com estágios pós-doutorais no Núcleo de Estudos de População (NEPO), da Unicamp (2008-2011) e pela Rede Clima (INCT Mudanças Climáticas) (FCA/Unicamp, 2011). Foi professor-visitante na *Universidad Nacional de Colombia*, (UNAL, Colômbia), *Université de Pau et des Pays de l'Adour*, (UPPA, França), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Universidade Federal do Ceará (UFC). Ao longo de sua carreira acadêmica tem publicado inúmeros artigos em periódicos nacionais e internacionais, tem organizado e/ou publicado diversos livros e capítulos de livros.[3] Participa do Conselho Editorial e Consultivo de importantes periódicos nacionais na área de Geografia, atuando como Editor-Chefe do periódico Geograficidade, do Grupo de Pesquisa

[1] Possui as seguintes linhas de pesquisa, a saber: Ciência e pensamento fenomenológico; Experiências Contemporâneas, Geograficidades da Arte, Situacionalidade e posicionalidade do pensamento; Vulnerabilidades e Resiliências.

[2] Grupo referência nacional neste campo de atuação da Geografia, seguem suas linhas de pesquisa: Epistemologia e Metodologia da Geografia Humanista Cultural – orbita em torno das essências geográficas, tendências e perspectivas teórico-metodológicas, bem como, dos desafios do fazer fenomenológico e hermenêutico. Geografia e arte – valora as relações entre arte e paisagem, considerando as relações entre estética, poética, geopoética e geograficidade. Lugar, paisagem e experiência – objetiva o debate acerca da discussão ontológica de lugar, a paisagem e a experiência, visando a compreensão da geograficidade e da constituição do ser-no-mundo. Para mais informações a este respeito, vide: www.geografiahumanista.wordpress.com

[3] Ver as publicações citadas por nós ou comentadas pelo entrevistado nas referências.

Geografia Humanista Cultural (UFF/CNPq). Mantém uma agenda de conferências e palestras por todo Brasil, atuando também na organização de congressos e seminários sobre no campo espectro Geografia, para esta entrevista, detivemos foco a Geografia Humanista. Atualmente é professor Associado da Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp/Campus Limeira). Esteve em mais de 200 bancas de exames de qualificação e defesas de teses e dissertações além da participação em outras comissões julgadoras como bancas de concurso público e livre-docência. Supervisionou 6 pesquisadores de pós-doutorado. Em sua profícua e reconhecida produção geográfica intelectual na Geografia, já publicou mais de 100 artigos científicos nos principais periódicos nacionais da área e organizou várias obras de Geografia dentre outras coletâneas co-autorais, destacamos: *Portais da Terra: contribuições dos estudos humanistas para a Geografia Contemporânea* [2023], *Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano* [2021], *Percepção do meio ambiente e geografia: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar* [2017], *Dispersão Urbana e Mobilidade Populacional* [2016], *Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia* [2012], *Geografia e interfaces de conhecimento: debates contemporâneos sobre ciência, cultura e ambiente.* [2011], *Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação* [2010], *População e ambiente: desafios à sustentabilidade* [2010], *População e mudanças climáticas: dimensões humanas das mudanças ambientais globais* [2009], *Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente* [2006] e entre outros. O conjunto de sua proeminente obra, reverbera junto à uma comunidade geográfica atenta às novas vertentes geográficas, sobretudo, junto aos pesquisadores interessados em refletir os estudos de Percepção do Meio Ambiente, Geografia Humanista, bem como, a interface dos estudos urbanos, ambientais e populacionais, com foco na mobilidade e experiências urbanas e nos processos de mudanças ambientais. Prefaciou a reedição, 30 anos depois das obras do geógrafo Yi-Fu Tuan, inaugurais da Geografia Humanista, publicadas pela Editora da Universidade Estadual de Londrina (Eduel)[4].

ENTREVISTA

[4] A Geografia Humanista surge em 1960, nos Estados Unidos, como campo disciplinar e movimento de renovação da Geografia, influenciado pela corrente epistemológica da fenomenologia fortemente ligada ao humanismo e sob influência de autores como Sauer, Anne Buttimer, David Lowenthal, Edward Relph, John K. Wright, Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer, Armand Frémont e dentre outros. No Brasil, o movimento foi inaugurado uma década depois, com os estudos da professora-geógrafa Lívia de Oliveira, tendo ganhado força com a traduções nos anos de 1980 do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tun, pela Editora DIFEL: TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980. / _____. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Trad. de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983. Estas obras foram reeditadas pela Eduel, três décadas depois. TUAN, Yi-Fu. Topofilia: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012. 342p. / _____. Espaço e Lugar: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013. 248p.

Fagno da Silva Soares (FSS): Bom dia, caro professor Eduardo Marandola Jr.. Agradeço a disponibilidade para esta entrevista. Assim, tomamos como mote inicial desta nossa interlocução, a sua trajetória pessoal, e seguidamente, profissional. Penso que para compreender o geógrafo Eduardo Marandola Jr., antes de tudo, temos de pensar sobre a pessoa e a trajetória de vida do Eduardo. Assim, desejamos iniciar em sucintos relatos, ouvindo um pouco de sua história de vida desde a infância, suas primeiras leituras e interesses, bem como, as motivações que o levaram à escolha da carreira de geógrafo. E, afinal, quem é Eduardo Marandola Jr.?

Eduardo Marandola Jr.: Bom dia Fagno. Agradeço a oportunidade de uma interlocução desta natureza. Sou londrinense e vivi naquela cidade até o final da minha graduação. Venho de família mineira (parte de mãe) e paulista (parte de pai), ambas indo para o Norte do Paraná em algum momento do meio do século passado para trabalhar nos campos abertos à custa da derrubada da mata. Fui criado em uma cidade com o chamado "espírito de pioneiros", com uma certa pressa em ser grande e moderna. Tive uma infância muito trivial, com poucos recursos financeiros naqueles anos de hiperinflação da década de 1980, entre dois irmãos (a mais velha se formou em Letras e o mais novo em Geografia também, fazendo atualmente doutorado na UFPR e, curiosamente, trabalhando com Augustin Berque e a Geografia Humanista). Os relatos de minha infância são de uma criança inquieta e muito ativa. Tive uma forte base religiosa que me ensinou desde cedo a prezar a leitura e um senso crítico que se aliava muito àquilo que desde cedo o pequeno Eduardo demonstrava como inquietude e curiosidade, que se mostram na insistência em ter as explicações para tudo.

Estudei sempre em escolas públicas, na rede municipal e na estadual, nas quais fui de um leitor incansável nos primeiros anos da vida escolar a um leitor eventual durante o ensino médio. Na casa de meus pais nunca houve muitos livros (as condições materiais não nos permitiam), embora a leitura fosse um hábito de minha mãe. Mas aquilo me capturava e me oferecia um certo fascínio. Li e reli muitas vezes os únicos dois livros infantis que tínhamos: "Marcelo, Marmelo e Martelo", "O dono da bola" e uma edição sem capa de "Alice no país das maravilhas".

Ao mesmo tempo, o cotidiano de um bairro nos então limites da cidade, com glebas rurais vizinhas, além dos parentes que viviam em sítios em Londrina ou outras cidades do Paraná, me ofereceram uma vivência da roça, que prezo muito. Além disso, meus pais sempre nos ofereceram muita liberdade: fomos criados sem cadeado no portão, sempre na rua, de bicicleta, na quadra e na praça do bairro. Era um tempo em que havia dezenas de meninos e meninas da mesma faixa etária por toda a vizinhança.

Meu encontro com a Geografia pode ser reputado pelo menos a dois momentos. O primeiro, precoce, se refere a meu interesse permanente por mapas. Desde que tenho recordações, me lembro de ter um mapa na não. Pode-se dizer que minha educação cartográfica aconteceu simultaneamente à minha alfabetização. Aqueles mapas de ruas das antigas listas telefônicas eram folheados ao ponto de apreender a organização dos arruamentos e dos bairros da cidade. Minhas idas ao centro, ainda com pouca idade, me permitiram materializar aquele aprendizado que se deu primeiro no papel, o que certamente contribuía para uma infância muito tranquila e sem grandes medos ou receios. Até hoje, os mapas continuam sendo um dos meus encantamentos, não apenas por suas possibilidades, mas pelo ato de situar-se.

O segundo encontro com a Geografia aconteceu na então sexta série, quando fui enfeitiçado pela professora de Geografia, Maria Alice. Nada como aquelas histórias de paixonites infantis. Maria Alice, com os livros didáticos da coleção "Geografia Crítica", do José William Vesentini, ministrava suas aulas sentada, conversando calmamente, indagando, refletindo, questionando. Fazia perguntas avaliativas e discutia as respostas, dando mais profundidade a cada fala. Aquela atmosfera imprimiu uma forte sensação em mim, mesmo sem entender plenamente o alcance daquela atração pela Geografia: era um misto do que hoje poderia chamar de postura intelectual, persuasão do argumento e uma visão de mundo que talvez se completava àquela minha gana por situar-se, que se direcionava ao conhecimento. Talvez eu tenha apenas me envaidecido por ser seu preferido, ou por aquilo falar tão de perto a mim. Mas o fato é que mesmo quando ela deixou de ser minha professora, cinco anos depois eu estava prestando o vestibular na Universidade Estadual de Londrina (UEL) para Geografia. Aquela impressão que ela me causou não me abandonou, nem quando a geopolítica (um dos temas principais de meu interesse em suas aulas) não se tornou minha área de estudo privilegiada no curso de graduação.

FSS: Professor Eduardo, como a Geografia o encontrou? Conte-nos agora, um pouco das influências teóricas que teve durante a graduação em Geografia, na Universidade Estadual de Londrina UEL quando se aproximou da Geografia Humanista, no Doutorado em Geografia na Unicamp e seu ingresso na docência. Quais teóricos dominavam a cena acadêmica na Geografia e como isso o afetou profissionalmente? Destarte, quais geógrafos/as e/ou outros intelectuais exerce[ra]m papel importante na sua formação inicial e no transcurso de sua trajetória acadêmica?

Eduardo Marandola Jr.: Entrei muito jovem na universidade: passei no vestibular com 16 anos e ingressei tendo recém completado 17, o que implicou na realização de minha colação de grau com 21 anos (licenciatura). Isso foi entre 1998 e 2002. Tive aula com uma geração de professores e professoras que havia se formado, em sua maioria, na Universidade de São Paulo. Naquela época, ainda

começavam a chegar outros professores oriundos de outros centros, como da UNESP de Presidente Prudente, por exemplo. Havia, portanto, uma força palpável do pensamento de Milton Santos, como em tantos outros cursos de Geografia no Brasil naquela época, mas havia também outras perspectivas. No entanto, este cenário não incluía abordagens da Geografia Humanista e Cultural, afinal, não havia, naquele momento, centros organizados de difusão de tais debates.

Eu poderia indicar três momentos que foram delineadores da maneira como a Geografia me encontrou: dois acontecimentos do primeiro mês de minha entrada no curso, e outro do terceiro ano. Em primeiro lugar a disciplina de "Epistemologia da Geografia", que foi efetivamente minha primeira aula na graduação. Ali comecei a ver que a Geografia da escola que me levou à universidade, não era exatamente a mesma que teria dali em diante. Ao mesmo tempo, ali percebi também que o que se abria para mim era mais do que eu poderia imaginar. A perspectiva do conhecimento, seu debate crítico, a possibilidade de investigação e construção de argumentações, um sentido não dogmático de verdade e um direcionamento para o debate me arrebataram e fizeram com que eu, quase que instantaneamente, me encantasse com a Epistemologia, sua história e as questões de teoria e método. Pode-se dizer que naquele momento, todos estes debates passavam pelos fundamentos clássicos, da Filosofia da Ciência e da Teoria do Conhecimento, assim como a perspectiva da história da Geografia também estava até certo ponto estabilizada. De qualquer maneira, o encantamento não se deu pelos conteúdos, mas pela forma: ali comecei a construir minha perspectiva da Universidade, da Ciência e como eu buscaria me tornar geógrafo e professor.

O segundo momento, ainda naquele mês inicial do curso, foi minha entrada como estagiário voluntário no Laboratório de Pesquisas Urbanas e Regionais (LPUR), coordenado pela Profa. Yoshiya Nakagawara Ferreira, com quem trabalhei até o final do curso, e não seria capaz de descrever com justeza as aberturas que ela me ofereceu. Ali no LPUR pude fazer uma graduação voltada para a pesquisa, com um acervo bibliográfico à disposição, colegas e pesquisadores, projetos, grupos de estudo e apoio financeiro (muitas vezes, financiado pela própria Profa. Yoshiya) para participar de eventos por todo o país, adquirir bibliografias recentes, apresentar trabalhos. Com ela dei meus primeiros passos na escrita acadêmica, bem como aprendi a importância do trabalho em grupo e o papel dos laboratórios na formação e na própria vida acadêmica.

Por fim, o terceiro momento foi no terceiro ano, quando, após realizar pesquisas de iniciação científica ligadas à verticalização e ao uso do solo em Londrina (de forma analógica, com mapas, gráficos e enormes bancos de dados), me senti provocado a propor uma pesquisa sobre Geografia e Arte. Nunca havia lido nada a respeito, mas uma fala de uma professora me provocou estremecimento

neste sentido. Yoshiya, que também é uma artista plástica reconhecida, acolheu de imediato a proposta, e me indicou que procurasse nas estantes do LPUR as dissertações de mestrado fotocopiadas de Werther Holzer e de João Baptista Ferreira de Mello, bem como livros sobre Geografia Cultural (clássicos). Foi ali que a Geografia Humanista apareceu, no meio de livros velhos e, ao estilo arqueológico, fui coletando referências que levavam a outras possibilidades para a Geografia.

Assim, até o final da minha graduação, podemos dizer que a Geografia Humanista era uma perspectiva de livros, datada e considerada superada. Não que não houvesse pessoas trabalhando com o temário e os autores da Geografia Humanista no país, mas estes, muitas vezes, estavam inseridos em outros campos de discussão mais estruturados, como o ensino da Geografia e a Cartografia (como Amélia Nogueira e Salete Kozel), os estudos de percepção do meio ambiente (Lineu Bley, Lucy Marion P. Machado, Solange Terezinha de Lima, Mirna Vieira – todos ex-orientandos de Lívia), a própria Epistemologia e os estudos de Cidades Médias (Oswaldo Bueno Amorim Filho), entre outros temas e autores cujas referências podiam ser encontradas, em especial nas revistas da Associação de Geografia Teorética, de Rio Claro (Boletim de Geografia Teorética e Geografia), e no Caderno de Geografia, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

Ao mesmo tempo a Geografia Cultural, em especial pelo esforço do Núcleo de Estudos e Pesquisas Espaço e Cultura (NEPEC), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), coordenado pela profa. Zeny Rosendhal e pelo professor Roberto Lobato Corrêa, começava a se destacar no cenário nacional. Junto com eles, pesquisadores da Geografia Humanista também foram resgatados ou receberam projeção, como os autores daquelas duas dissertações que mencionei. Tudo isso, no entanto, era muito distante. Os Encontros Nacionais de Geógrafos (ENG) organizados pela Associação Brasileira de Geógrafos (AGB), que participei desde meu primeiro ano de graduação (Vitória da Conquista, 1998), não apresentava quaisquer debates relacionados a estes temas. Nem eixos para submissão de trabalhos havia – tínhamos que nos inscrever em “outros” –, manifestando-se a prevalência da antiga dicotomização entre Geografia Física (cuja figura de Aziz Ab’Saber se erguia como grande expoente) e Geografia Humana, reduzida quase à sua versão materialista-dialética (cuja figura sem igual era a de Milton Santos). Sentia-se, neste período, uma forte predominância dos grandes centros, como a USP, a UNESP (ainda Rio Claro) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Hegemonias estas que, no meu entender, receberam abalos, deslocamentos e relativização nas últimas duas décadas.

Neste contexto, minha ida para a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) é totalmente circunstancial. O curso de Geografia era recente (aberto em 1998), com o programa de pós-graduação

tendo recém-aberto sua primeira turma (apenas para doutorado, em meados de 2002). Fui para a Unicamp sem qualquer referência significativa da universidade ou mesmo do meu orientador, Daniel J. Hogan, a quem eu havia conhecido em uma Semana da Geografia organizada naquele mesmo ano de 2002, na UEL.

Terminei minha graduação tendo como principais referências na minha formação a Geografia de Yi-Fu Tuan, o pensamento ambiental de Enrique Leff e a filosofia de Martin Heidegger. Havia passado também pelas leituras da Filosofia da Ciência, da Teoria da Complexidade e da Sociologia da Ciência, bem como da Filosofia da Arte, da Antropologia e da Sociologia da Modernização Reflexiva. Nestes campos, Hugh Lacey, Paul Feyerabend, Clifford Geertz, Giulio Argan, Simon Schama, Boaventura de Souza Santos, Edgard Morin, Ulrich Beck e Anthony Giddens estavam entre minhas principais leituras. Na Geografia, além dos geógrafos humanistas e culturais, a obra epistemológica de Milton Santos me era cara, assim como os trabalhos de Armando Correia da Silva, Paul Claval, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Oswaldo Bueno Amorim Filho, Horacio Capel e alguns uspianos da geração dos anos 1950-1960, como Pasquale Petrone, Ary França e Nice Lecoq Müller.

Este era sem dúvida um portfólio pouco ortodoxo, e por isso o único diálogo efetivo que construí, ainda na UEL, foi com os estudantes que também buscavam leituras nestas paragens (alguns vieram a ser meus orientandos de pós-graduação, anos mais tarde) e com a profa. Lúcia Helena B. Gratão, que retornou do doutorado quase no ano de minha saída da UEL, mas ainda a tempo de nos aproximarmos para construir uma relação que perdura até hoje.

Na pós-graduação, novamente não tive uma formação ortodoxa. Orientado por um não-geógrafo, me engajei em projetos no Núcleo de Estudo de População (NEPO) da Unicamp, o qual me legou a entrada nos estudos de população, bem como a participação em outros fóruns e campos interdisciplinares, em especial os urbanos e os ambientais (interesses que carregava desde a graduação). Estes temas estão coadunados em minha tese de doutorado, defendida em 2008.

A experiência da pós-graduação foi fundamental para mim. Passar de uma universidade de expressão regional para uma de alcance nacional, abriu muito meus horizontes. Minhas tendências de trânsito e leituras interdisciplinares se potencializaram, assim como pude contar com a amizade e a confiança de Daniel, que teve um papel inestimável na minha formação como pesquisador, professor e orientador.

Entre suas muitas virtudes, Daniel sugeriu que eu procurasse geógrafos que pudessem me ajudar a construir as articulações disciplinares necessárias à elaboração de uma tese e, para além dela, para a

inserção no campo. Estes geógrafos foram Lívia de Oliveira e Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, os quais conheci em 2003, e depois Oswaldo Bueno Amorim Filho, que conheci em 2005. Posso dizer que estes, junto com Daniel, foram minhas principais referências na construção dos caminhos que busquei trilhar não apenas teoricamente, mas em especial, como postura intelectual, maneira de encarar a Geografia, a Ciência e o próprio conhecimento.

O que tais pessoas tinham em comum? Uma visão ampla da Geografia e do trabalho acadêmico, tendendo a perspectivas integradoras e pouco adeptos a sectarismos. Praticantes de movimentos interdisciplinares, compreendem as relações entre as ciências como parte de qualquer trabalho disciplinar. Todos me influenciaram muito, direta e indiretamente.

Outros que merecem destaque são os professores Werther Holzer (UFF), com quem passei a conviver diretamente a partir de 2008, mas que sempre foi uma das minhas referências, e o professor Wencesláo Machado de Oliveira Junior (Unicamp), que mesmo sem uma aproximação cotidiana ou temática direta (afinal, trabalhamos em perspectivas distintas), gosto de pensar que compartilhamos o mesmo gesto acadêmico, o que me serve de autocrítica e alimenta muito meu caminhar.

A partir do doutorado esta rede se amplia grandemente. Teria muitos colegas com os quais tenho tecido aproximações mais ou menos intensas e que são muito importantes também. Para não cometer esquecimentos imperdoáveis, devo lembrar apenas da primeira, Lúcia Helena B. Gratão, cuja parceria perene por estes 20 anos tem sido extremamente valiosa para mim, e a mais recente, Jamille da Silva Lima-Payayá, com quem tenho compartilhado a vida em uma cumplicidade intelectual frutificante.

FSS: Suas obras reúnem reflexões circunscritas no campo da Geografia Humanista, problematizando as relações entre geopoética e geograficidade, nas quais a experiência do lugar e da paisagem ocupam uma dimensão central em seus estudos. A bem da verdade, sabe-se que no Brasil, os estudos da Percepção da Paisagem a partir de Martin Heidegger e Edmund Husserl tiveram uma chegada tardia, se compararmos a outros países, a exemplo dos Estados Unidos. Faz-se necessário, considerarmos a inequívoca importância das obras *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*[5] *e Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*[6] *do geógrafo Yi-Fu Tuan*[7]*,*

[5] TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difiel, 1980.
[6] TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.
[7] Para aprofundamentos, do conjunto da obra deste autor, destacamos aqui, as principais: TUAN, Yi-Fu. Human Goodness. Madison: The University of Wisconsin Press, 2008. / _____. Paisagens do Medo. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2006. / _____. Cultural Geography: Glances Backward and Forward. Annals of Association of American Geographers, 94, 729-733, 2004. / _____. Perceptual and Cultural Geography: A Comentary. Association of American

traduzidas nos anos de 1980 pela professora-geógrafa Lívia de Oliveira, precursora na difusão do estudos em Geografia Humanista no Brasil. Estas obras que se constituem clássicos de leitura obrigatória para aqueles que desejam aprofundar pelos caminhos da Percepção Geográfica. Devo confessar, que venho da História e cheguei ao Yi-Fu Tuan por um colega da Geografia da Amazônia, tendo me marcado profundamente durante o doutoramento em Geografia Humana na USP. Fale-nos um pouco da contribuição dos geógrafos Yi-Fu Tuan e da saudosa professora Lívia de Oliveira[8] *que nos deixou a poucos dias, quanto a chegada e difusão dos estudos fenomenológicos na geografia brasileira.*

Eduardo Marandola Jr.: Talvez, para pensarmos sua pergunta, Fagno, devamos identificar um pouco estes múltiplos feixes que incidem e atravessam estes estudos, não para diferenciá-los, mas para lhes conferir mais profundidade. Me refiro às relações entre Percepção do Meio Ambiente, Fenomenologia, Geografia Humanista e Geografia Cultural.

Quando comecei a trabalhar, na graduação, com estes temas, minha porta de entrada foi a Geografia Humanista e a Geografia Cultural (entendidas naquele momento de forma clara como dois campos). Elas se apresentaram como a possibilidade de realizar um trabalho na proximidade com as humanidades e, ao mesmo tempo, em diálogo com a Filosofia da Arte e a Teoria da Cultura. No entanto, conforme caminhei nos estudos, a Fenomenologia foi se destacando, cada vez mais, em meu interesse. Assim passei a identificar as entradas e as ausências da Fenomenologia nos diferentes campos que mencionei. Os estudos de Percepção, por exemplo, apresentavam grande prevalência de estudos cognitivos, via Piaget, o que é a principal contribuição de Lívia de Oliveira ao tema: uma epistemologia geográfica a partir de Piaget. Não é pela Fenomenologia que Lívia construiu seus trabalhos nos anos 1970 e 1980. Ela estava em outra perspectiva, bastante alinhada aos estudos que a

Geographers, 93 (4): 878-881, 2003. / _____. Escapism. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998. / _____. The Good Life. Madison: The University of Wisconsin Press, 1986. / _____. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983. / _____. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difiel, 1980. / _____. Humanistic Geography. Annals of Association of American Geographers, p. 266-276, 1976.

[8] Geógrafa brasileira, percussora da Geografia Humanista no Brasil, fundadora da Revista Geograficidade, pioneira nos estudos em Cartografia Escolar e Geografia dos Sabores. Foi professora Emérita da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Campus de Rio Claro. Formada em Enfermagem (1948) e em Geografia e História pela Universidade de São Paulo (1958), doutorou-se em Ciências pela Universidade Estadual de Campinas (1967). Livre Docente pela UNESP-RC (1977), Professora Titular pelo Departamento de Geografia da UNESP-RC(1983) e Professora Emérita do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP (2006) . Uma das líderes do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM) e fundadora da revista Geograficidade. Foi agraciada com importantes prêmios como a Ordem do Mérito Cartográfico da Sociedade Brasileira de Cartografia e pela União Geográfica Internacional (UGI), em reconhecimento pelos trabalhos prestados à Educação Geográfica.

Comissão de Percepção ambiental da União Geográfica Internacional (UGI) promoviam na época, da qual ela participava ativamente.

O encontro de Lívia com Tuan foi relativamente fortuito, tendo aparecido para ela, inicialmente, como um autor de obras de Percepção do Meio Ambiente (basta lembrarmos do subtítulo de "Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente"). Assim, há um encontro de perspectivas (Tuan também recorre muito à Psicologia, em especial a piagetiana) e os trabalhos que Lívia orientou ao longo dos anos 1980 se diversificaram muito, em parte, pelo caráter heurístico que a bibliografia de Tuan oferece: mais do que uma base de trabalho, sua leitura abre possibilidades, e isso é um dos motivos de reverberar tanto até hoje em diferentes leitores e leitoras. É por isso que muitos, como você, foram capturados por uma escrita que ainda impressiona atualmente: imagine então seu impacto no contexto da Geografia Brasileira dos anos 1980.

A Geografia Humanista, no entanto, nominalmente como campo, só aparece no Brasil no início dos anos 1990, com as dissertações de mestrado de João Baptista de Mello, Werther Holzer, apesar da publicação precoce da tradução o texto de 1976 de Yi-Fu Tuan, "Humanistic Geography", na importante coletânea de Antonio Christofoletti, "Perspectivas da Geografia", de 1982. Ali foram publicados também os seminais textos de David Lowenthal e de Anne Buttimer que, junto com as publicações anteriores de texto de Edward Relph (na revista Geografia, da AGETEO, de 1979) e de J. Nicholas Entrikin (no Boletim de Geografia Teorética, da AGETEO, de 1981), garantiram a circulação, no Brasil, dos principais textos seminais do movimento humanista anglo-saxão.

Nestes textos, e reafirmadamente pelas duas dissertações citadas, os vínculos da Geografia Humanista com a Fenomenologia estão bem explicitados. No entanto, essa não é a tônica do trabalho de Lívia (apesar de beber de algumas dessas referências, pontualmente). Isso irá aparecer mais tarde em seu trabalho, de forma explícita, eu diria, nos últimos 20 anos. No caso de Yi-Fu Tuan, reconhecemos bases fenomenológicas mais claras desde os trabalhos que antecedem "Topofilia", mas estão longe de ser sua principal referência. Dito de outra forma, seu trabalho não almeja, por características próprias, filiar-se diretamente a um *corpus* filosófico, sendo o Humanismo, como conjunto de valores, talvez a principal marca de sua eclética obra.

Dito isso, talvez tenha prevalecido, nos anos 1980, uma leitura de Yi-Fu Tuan como um autor da Percepção do Meio Ambiente, o que o ligava, no Brasil, àquela tradição que tinha em Lívia de Oliveira a maior referência. A partir dos anos 1990, com o aumento das discussões específicas do campo da Geografia Humanista (termo que Lívia adotou *a posteriori*, a pós a leitura da dissertação de Werther),

os estudos de Percepção do Meio Ambiente são incorporados a ela como um campo maior, embora mantenha certa independência quando observamos os estudos sobre percepção de riscos e perigos ou outras dimensões da percepção ambiental. A Fenomenologia, ao contrário, só passa a ter mais destaque a partir da segunda década dos anos 2000, recebendo de certa forma estas duas heranças e, por esta via, podemos dizer que Lívia de Oliveira e Yi-Fu Tuan têm papel importante na difusão e abertura para tais perspectivas contemporâneas, mesmo que a Fenomenologia não seja central em seus trabalhos, diferente da maneira que muitos geógrafos e geógrafas a estejam buscando atualmente (inclusive para além da própria Geografia Humanista, em alguns casos).[9]

Não sei se eu diria que há uma chegada tardia. Entendendo a situacionalidade própria de nossa Geografia, creio que as múltiplas entradas que acontecem em diferentes momentos, pela mão de diferentes pessoas, permitem entender as condições de recepção e difusão de certas perspectivas que, no final das contas, precisam encontrar justificação para serem abraçadas, em sua potencialidade local.

FSS: Nestes termos, a Geografia Humanista Cultural é tributária do livro L´Homme et la terre: nature de la réalité géographique de Eric Dardel[10] *tendo influenciado o pensamento geográfico estadunidense sobretudo nos anos de 1970, o que para muitos embrionou um cenário para o aparecimento da Geografia Humanista,*[11] *ou Humanística como costuma chamar Yi-Fu Tuan.*

[9] Marandola Jr., E. (2013). Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. Geograficidade, 3(2), 49-64, 2013.

[10] DARDEL, Eric. L'Homme et la Terre - nature de la réalité géographique. Paris, PUF 1952. O contributo desta obra, assenta-se nas relações descritas entre a Geografia e a Fenomenologia, serviram de ponto de partida para outras reflexões possíveis advindas dessas relações. Desde então, a geografia fenomenológica de Dardel tem influenciado outros caminhos de reflexão.

[11] Seguem a exemplo, algumas dissertações circunscritas no campo da Geografia Humanista no Brasil, a saber: HOLZER, Werther. A geografia humanista: sua trajetória de 1950 a 1990**.** 1992. Dissertação. [Mestrado em Geografia] – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992. / ROCHA, Lurdes B**.** Signos e significados do Centro da cidade de Itabuna-BA. 2001. Dissertação. [Mestrado em Planejamento Urbano e Regional] — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001. / DE PAULA, Fernanda. Constituições do habitar: reassentamento do Jd. São Marcos para o Jd. Real. 2010. Dissertação. [Mestrado em Geografia] – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. / CAVALCANTE, Tiago Vieira. A casa da mãe de Deus comporta o (outro) mundo: dinâmicas geográficas no Santuário de Fátima em Fortaleza-CE. 2011. 158f. Dissertação. [Mestrado em Geografia] – Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. / REIS, Deyvid F. A cidade do morador de rua e o morador de rua na cidade**.** 2013. Dissertação. [Mestrado em Arquitetura e Urbanismo] — Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013. / GONÇALVES, Thiago Rodrigues. O lugar-samba no Bixiga: memória e identidade. 2014. Dissertação. [Mestrado em Geografia] — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014. / DAL GALLO, Priscila Marchiori. A ontologia da geografia à luz da obra de arte: o embate Terra-mundo em “Out of Africa”. 2015. 97 f. Dissertação. [Mestrado em Geografia] — Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. / BERNAL ARIAS, Diana Alexandra. A Rosa do deserto: hidropoéticas do lugar no habitar contemporâneo. 2015. 120 f. Dissertação. [Mestrado em Geografia] — Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. / SUESS, Rodrigo Capelle. Geografia Humanista e ensino-aprendizagem: perspectivas em Formosa-GO. Brasília-DF, 2016. 171 p. Dissertação. [Mestrado em Geografia] – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. / DE PAULA, Luiz Tiago. Fenomenologia dos espaços públicos: entre as certezas e inseguranças da experiência urbana. 2016. 107 f. Dissertação. [Mestrado Interdisciplinar em

Destarte, os quais foram os primeiros impactos produzidos pela abordagem fenomenológica na produção geográfica brasileira e suas atuais reverberações?[12] *E qual tem sido o lugar na Geografia Humanista no contexto atual?*

Eduardo Marandola Jr.: Permita-me iniciar pela questão do Humanista-Humanística (*Humanist-Humanistic*). No Brasil, seguiu-se bastante uma tradução literal de *Humanistic* para Humanística – algo que aparece também em outras áreas do conhecimento. No entanto, Werther, em sua dissertação, defendeu que Geografia Humanista seria uma tradução mais próxima: o termo é mais antigo e associa-se de forma mais direta aos vernáculos latinos ligados ao humanismo. De outro lado, o termo humanística teria algo de caricato, depreciativo. O próprio Tuan faz alteração semelhante, passando nos últimos anos de sua trajetória a utilizar a expressão em inglês "*Humanist Geography*", como nomeia um de seus livros mais recentes (de 2012). No nosso caso, foi no Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente (SINPEC), que organizamos em Londrina, em

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas] — Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Limeira, 2016. / FERREIRA, Rafael Bastos. Mundo-da-vida como fundamento vital para as políticas da adaptação. 2016. 97 f. Dissertação. [Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas] — Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Limeira, 2016. / BRANDÃO, Gabriela Gazola. Naturezas do habitar: da metrópole à pequena cidade**.** 2016. Dissertação. [Mestrado em Arquitetura e Urbanismo] — Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. / GALVÃO FILHO, Carlos Eduardo Pontes. Por abismos... casas... mundos... a geosofia como narrativa fenomenológica da geografia. 2016. Dissertação. [Mestrado em Geografia] — Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. / ROSAS, Gabrielle Mesquita Alves. A escola na escala do bairro: políticas públicas urbano-culturais e o legado do Programa Bairro Escola de Nova Iguaçu. 2016. 177f. Dissertação. [Mestrado em Arquitetura e Urbanismo] — Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. / MARANDOLA, Hugo Leornardo. Marcas-matrizes na paisagem do bairro rural Elihu Root: um trilhar humanista. 2017. 109f. Dissertação. [Mestrado em Geografia] — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

[12] Seguem as teses defendidas no amplo espectro da Geografia Humanista Brasileira idem: HOLZER, Werther. Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI. 1998. Tese [Doutorado em Ciências: Geografia Humana] – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1998. / GRATÃO, Lúcia H. B**.** A poética d' "O Rio" – ARAGUAIA! De Cheias... &... Vazantes... (À) Luz da Imaginação!. 2002. 354p. Tese [Doutorado em Geografia Física]. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. 354p. / ROCHA, Lurdes B. A região cacaueira da Bahia: uma abordagem fenomenológica. 2006. Tese [Doutorado em Geografia] — Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2006. / CAMACHO, Adilson. R. A geografia no nascimento do mundo: existência e conhecimento.2008. Tese. [Doutorado em Geografia Humana]. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. / MARANDOLA JR, Eduardo. Habitar em Risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. 2008. 278f. Tese. [Doutorado em Geografia] – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. / CHIAPETTI, Rita Jaqueline N. Na beleza do lugar, o rio das Contas indo... ao mar. 2009. Tese. [Doutorado em Geografia] — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009. / PADUA, Letícia C. T. A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências. 2013. 203p. Tese. [Doutorado em Geografia Física]. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. 203p. / CAVALCANTE, Tiago Vieira. Geografia Literária em Rachel de Queiroz. 2016. Tese. [Doutorado em Geografia] — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016. / DE PAULA, Fernanda Cristina. Resiliência Encarnada do Lugar: Vivência do Desmonte da Linha (Brasil) e em Mourenx (França). 2017. Tese. [Doutorado em Geografia]— Instituto de Geociências – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2017.

2005, que Lívia conversou pessoalmente com Werther sobre o tema e, convencida, estabeleceu com os presentes que passaríamos a chamar de Geografia Humanista e não Geografia Humanística, o que muitos de nós passaram a fazer desde então.

Mas a pergunta não é essa, correto? Bem, referente às reverberações da Fenomenologia na Geografia no Brasil, ainda temos, digamos, uma visão um pouco parcial disso. Isso porque não há um estudo de fôlego sobre o tema – essa é a verdade. O que podemos falar são de alguns marcos, como sua presença precoce no trabalho do geógrafo paraense Eidorfe Moreira, que tem sido resgatado pelos colegas da Amazônia; o trabalho de Armando Correia da Silva que, via Existencialismo, também traz cores fenomenológicas à sua Geografia (com destaque ao texto de 1986 especificamente dedicado ao tema), ou ainda a posição por vezes secundarizada da Fenomenologia em Milton Santos (1997) que, para além do diálogo com o Existencialismo, bastante explícito, não apenas dialoga com geógrafos humanistas mas reporta a uma inspiração husserliana à formulação da concepção de espaço na obra "*A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*", fazendo referência direta à intencionalidade, conceito central de Husserl.

Estes são alguns exemplos da presença da Fenomenologia, além das já mencionadas associadas aos estudos de Percepção do Meio Ambiente, da Geografia Humanista e também na Geografia Cultural. Estes estudos são marcados por apropriações e incorporações relativamente pontuais, localizadas: revisões de posicionamentos epistemológicos ou compreensões conceituais para repensar alguns dos aspectos do fazer geográfico. Os conceitos de lugar e de paisagem são fundamentais, assim como experiência, percepção, mundo e espaço vividos, entre outros. Neste sentido, o sujeito foi trazido, de diferentes formas, para o campo da Geografia.

Há, no entanto, uma reverberação mais recente, que me parece um pouco distinta. Ela implica uma retomada dos estudos diretamente da Filosofia, não só em termos de aprofundamento, mas de multiplicação de possibilidades, navegando de forma mais ampla e autônoma por este grande horizonte do pensamento contemporâneo. Os questionamentos ontológicos são reconstituídos, em diálogos com a Teoria Crítica e a Dialética, com a Desconstrução, com as Filosofias da Diferença, com as Epistemologias Feministas, com os Estudos Descoloniais, com o Pensamento Indígena, com a Filosofia Africana e com tantos outros componentes do cenário amplo das Ciências Humanas e Sociais atuais. De temas muito circunscritos e identificada a um campo (Geografia Humanista), sinto que a Fenomenologia hoje contribui e ao mesmo tempo faz parte de um grande leque de possibilidades e diálogos que têm caracterizado um período de grande pluralidade na Geografia feita no Brasil. Assim,

embora por vezes ela seja reputada como campo, no meu entendimento, ela não estaria restrita a tal circunscrição, sendo mais potente em seus múltiplos atravessamentos.

Neste contexto, a Geografia Humanista se reinventa. Mesmo mantendo a referência ao humanismo, acompanha as críticas ao antropocentrismo e busca outras orientações: humanismos de outras bases que façam mais que a crítica à Modernidade. Neste sentido, teorias não-representacionais, alteridade radical ou perspectivas pós-humanistas têm sido importantes, bem como os diálogos com a ecofenomenologia, o pensamento ambiental latino-americano ou ainda o pensamento afrodiaspórico.[13]

Mas como é próprio do campo, o movimento é caleidoscópico. Há permanências e retomadas, tanto quanto guinadas que podem produzir alguns hiatos ou saltos, mas que constituem caoticamente um campo que se fortaleceu por meio de sua heterodoxia e permeabilidade.

Se há 20 anos podíamos situar de forma bastante pontual os centros que atuavam com a Geografia Humanista, hoje o cenário é diversificado. Há vários grupos de pesquisa espalhados pelo país que a assumem explicitamente, além de tantos outros que dialogam com suas referências. Neste movimento, a publicação da tradução do livro de Dardel, em 2011, certamente tem um papel importante, tanto para a difusão da Geografia Humanista, quanto para oferecer aberturas para abordagens fenomenológicas em Geografia. A Geografia Fenomenológica de Dardel repercutiu fundo na Geografia feita no Brasil, e isso é mais um capítulo deste movimento e destes atravessamentos de campos e autores.

FSS: Ainda sobre o contributo da nossa querida Lívia de Oliveira à Geografia Brasileira, penso que poderíamos retornar para compreender melhor o cenário pelo qual a Geografia atravessava no Brasil nos idos anos de 1970, mais especificamente em 1978, com a efervescência da chamada Geografia Teorética de bases quantitativas, ligada ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, ao Departamento de Geografia da UNESP/Rio Claro e da Geografia Crítica, de influência marxista vinculada a USP, esteio de atuação e espaço de ressonância Brasil afora. E neste contexto, que surge a Geografia Humanista, e como sabemos foram quase duas décadas de sua convivência com a professora Lívia. Conte-nos, mais um pouco desse convívio.

Eduardo Marandola Jr.: Vivi a Geografia dos anos 1980 por meio dos livros e das reverberações de meus professores. Assim, o famoso embate que rachou nossa Geografia chegou a mim por ondas distintas. No caso de Lívia, que tinha ligações com uma visão integral da Geografia, que também era

[13] Marandola Jr., Eduardo; Lima-Payayá, Jamille. Qual humanismo para a Geografia Humanista? Eduardo Marandola Jr. In: Eduardo Marandola Jr.; Werther Holzer; Gustavo Silvano Batista. (Org.). Portais da Terra: contribuições dos estudos humanistas para a Geografia Contemporânea 1. 1ed.Teresina: EDUFPI, 2023, v. 1, p. 525-542.

uma visão uspiana, mas pré-Geografia Crítica, era estranho o esforço de diminuir a Geografia Física. Sempre defendeu a ideia da unidade, sem ignorar a pluralidade interna. O que dava, para Lívia, a unidade, era uma compreensão histórica da ciência geográfica cujos contornos teriam sido constituídos na Modernidade.

É neste sentido que Lívia se aproximou do movimento da Nova Geografia: interessou-se em especial pelos estudos epistemológicos e metodológicos, estudando Filosofia da Ciência e comungando com a visão da Geografia científica. Lívia atravessou o século XX e viveu ainda duas décadas do século XXI. Em termos científicos, ela se formou em uma Geografia de fundamentação histórica e cronológica forte, com todos os atributos integrativos que a geografia uspiana resplandecia naquela época. Mas antes de fazer Geografia e História, formou-se e atuou como enfermeira por uma década.

Assim, de uma formação "tradicional", assume a cadeira de Didática em Rio Claro, em 1962, depois de atuar também como professora de séries iniciais, trilhando em paralelo dois caminhos: o da Cartografia e do Ensino (Didática) e o da Nova Geografia, com sua nova perspectiva de cientificidade e as renovações teórico-metodológicas que propunham para a Geografia. Piaget se torna o grande mentor de Lívia na elaboração de sua Geografia, que a leva até o final dos anos 1980: dele ela traz elementos para uma outra epistemologia da Geografia, pensada em termos científicos. No entanto, a importância da percepção e da representação do espaço em Piaget, bem como sua formação "tradicional", com ênfase nas humanidades, são a brecha para que Tuan e a Geografia Humanista adentrem, gradativamente, em sua geografia.

Se acompanharmos seu trabalho, seja a produção, sejam as orientações, vamos notar este movimento que não é repentino, mas contínuo. Estes trânsitos a fazem assumir, nos últimos anos de sua trajetória, maior permeabilidade daquelas próprias concepções de cientificidade, sem haver qualquer abandono. Neste expediente, poderíamos dizer que um sentido humanista, próximo ao que Tuan reverbera, está bem presente no trabalho de Lívia: uma ciência que se vê como moderna, mas com uma forte ligação com as humanidades, seja a Literatura, a Filosofia, a Psicologia, a História e as Artes em geral.

Meus 17 anos de convívio com Lívia foram no decurso deste último movimento, e nele pudemos realizar muitas trocas, só possíveis pela sua incrível generosidade, vitalidade e amor pelo conhecimento e pela vida.

Esta é uma lição valiosa que carrego deste convívio: quando conheci Lívia havia acabado de me graduar e ela havia se aposentado 10 anos antes. Em todo este tempo, no entanto, ela não apenas comemorou todos os meus movimentos, estando sempre presente, como continuou a ser permeada pelo mundo, buscando alimentar sua inquietude, sem se apegar em excesso às suas posições estabelecidas. É nos últimos 10 anos de sua vida que trabalhou ainda com intensidade no que chamava de "Geografia do sabor", e a última vez que a vi foi para, entre uma internação e outra, revisar uma resenha que ela havia deixado pela metade, apenas rascunhada. Fui até a casa de repouso onde ela estava e anotei em papel e caneta suas ideias ditadas, compartilhadas, confiadas.

Ela contribuiu por abrir muitas portas: muitos campos que hoje estão em pleno desenvolvimento e receberam dela atenção em algum momento e, com sua ajuda, puderam ser abertos. A Geografia Humanista certamente é um desses campos, mas não o único. A Geografia no Brasil deve muito a ela em diferentes sentidos.

FSS: Nos termos de *Yi-Fu Tuan, a topofilia "é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso com conceito, vívido e concreto como experiência pessoal"*[14]*, o autor destaca também que somos seres imagéticos uma vez que "o mundo percebido pelos olhos é mais abstrato que o conhecido por nós, por meio dos outros sentidos".*[15] *Nesse sentido, a Geografia Humanista seria uma filha dileta da Geografia Cultural e da Geografia Histórica?*

Eduardo Marandola Jr.: Werther Holzer defende esta tese, encontrando na arqueologia da geografia estadunidense estas linhas mestras. Personagens centrais desta tradição compartilham estas heranças, como Sauer, Wright, Lowenthal e o próprio Tuan. É coerente também em termos do sentido antigo de humanidades, que parece ter reacendido, nos Estados Unidos, uma nova onda chamada *GeoHumanities*. No entanto, como movimento multifacetado, entendo que seja válido pensar várias interpenetrações e relações que adensam ou desfazem estas teias. É preciso, portanto, situar os movimentos de recepção em cada tempo e comunidade acadêmica, o que varia grandemente. No Brasil, por exemplo, as ligações com a Geografia Histórica nunca foram amplamente ativadas, até porque nossa Geografia Histórica tem lastro maior em tendências materialistas e críticas (diferente do contexto estadunidense, por exemplo). No caso da Geografia Cultural podemos notar maior aproximação, reforçada nos últimos 10 anos, com mútuas influências. Temos ainda, linhas recentes que têm ganhado força na articulação com os estudos de enfrentamento da colonialidade, com os

[14] TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983, p. 05.
[15] TUAN, 1983, p. 55.

estudos de gênero e com os estudos das relações entre identidade-diferença, campos que a Geografia Humanista só recentemente tem dialogado de forma mais abrangente.

O que quero dizer, no fundo, é que um movimento seria compreender as situacionalidades da recepção de dadas agendas de pesquisa; outro seria acompanhar reapropriações, retomadas e esquecimentos. Noto, nos últimos anos, uma certa ênfase nos diálogos com a Filosofia e com outras vertentes da Geografia, fortemente atravessados pelas questões mais prementes das ciências Humanas e Sociais contemporâneas, como as teorias de gênero e de sexualidade, os debates da colonialidade, e o combate ao racismo. De outro lado, por muito tempo temos reproduzido o processo de filiação e constituição da Geografia Humanista tal como aconteceu nos países anglo-saxões. Como destaquei anteriormente, no entanto, penso que passou da hora de olharmos com mais detalhe e vagar para o processo de recepção no Brasil, que não está ainda amplamente estudado. Há diferentes polos e portas de entrada, bem como combinações e composições teórico-metodológicas que nos escapam. O que falo aqui, portanto, deve ser compreendido sempre na situacionalidade própria onde me posiciono para compreender este processo. Há, certamente, outros pontos de vista que precisam ser articulados hermeneuticamente.

Iniciei um movimento deste tipo, propondo uma arqueologia da Geografia Humanista no Brasil. É um projeto em andamento, mas que vai a passos lentos. Iniciei pelas referências que estavam em evidência no meu processo de formação. Um projeto como este, no entanto, deve ser coletivo e não olhar apenas para as evidências, mas também para os silenciamentos e os esquecimentos.

No final, Fagno, talvez sejamos levados a considerar que a Geografia Humanista, no Brasil, não tem tanta relação com esta filiação que está bem documentada nos países anglo-saxões – assim como não seria este o caminho de constituição do humanismo na Geografia francesa, e assim por diante. Penso que há outras referências e bases importantes que, no momento, não estão bem delineadas, e que podem fortalecer a emergência daquilo que temos feito, de forma situada, nas diferentes regiões do país.

FSS: Em 1970 Edward Relph[16] foi pioneiro a tratar das possibilidades do método fenomenológico na compreensão de um mundo experienciado, a partir das relações da Fenomenologia e Geografia. Conte-nos um pouco de suas pesquisas do Projeto GEOSOFIA –

[16] RELPH, Edward. An inquiry into the relations between phenomenology and geography. Canadian Geographer. 14 (3): 193-201., 1970.

Biblioteca Digital Temática Geografia Humanista e Fenomenologia, explicitando essas relações da Fenomenologia com a geografia?

Eduardo Marandola Jr.: Relph é, para mim, daquela primeira geração de geógrafos do movimento humanista, um dos que mais se dedicou propriamente à Fenomenologia, o que não foi uma tarefa tão perene ou com tanta dedicação em outros geógrafos do coletivo que, como sabemos, fizeram apropriações muito diferentes ao longo do tempo. No entanto, nem sempre este esforço continuado é bem aproveitado por nós. O que quero dizer? Que mesmo que defendamos a necessidade de construção de uma Geografia Humanista que seja situada em nossa experiência geográfica, ou seja, que parta de nossas próprias geografias, há um manancial de contribuições no Brasil e fora dele que já apresenta meio século de reflexões. Há muita produção, muitas contribuições que permanecem, a maior parte, como que submersas, à medida que tocamos apenas as pontas mais salientes, soerguidas acima de todas as outras.

Mesmo quando consideramos autores mais reconhecidos, as citações se repetem e os livros/textos lidos são uma pequena fração do conjunto da obra. Há uma sensação incômoda de mera reprodução que não implica um mergulho no campo para investigar suas incongruências, contradições e multiplicidade.

É claro que esta não é uma situação apenas da Geografia Humanista e dos estudos fenomenológicos, mas senti que estava na hora de construir um projeto que permitisse a construção de uma Biblioteca Digital Temática. Foi assim que nasceu a Geosofia, que em breve estará no ar, vinculada ao Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU). Ela é um projeto do LAGERR com apoio da Biblioteca "Daniel Joseph Hogan" (BDH), da FCA, do GHUM e do próprio SBU. A ideia é congregar as referências clássicas, em língua inglesa, francesa, espanhola e italiana (inicialmente), bem como as contribuições nacionais, organizando-as tematicamente. A seguir, realizaremos a prospecção e acompanhamento da produção, com a intenção de criar um centro de pesquisa documental na área, com biblioteca digital e impressa.

A expectativa é fomentar estudos temáticos e sistemáticos. Atualmente, o volume da produção e de centros se ampliou, tornando o acompanhamento desta produção bastante difícil e, com isso, as estruturas de construção de consensos e as "bolhas" dificultam um olhar perspectivo em relação ao campo em sua diversidade. A Geosofia pretende contribuir para enfrentar este desafio.

Um outro sentido que está no fundo do projeto é uma preocupação com a memória. O projeto tem uma dimensão arquivista também, que se inicia com o próprio acervo da professora Lívia de Oliveira, que a família cedeu para que seja tratado e incorporado pelo projeto.

FSS: De certo, no Brasil três geógrafos brasileiros têm destacada atuação nos estudos Geografia Humanista na Geografia Brasileira, Lívia de Oliveira (UNESP), Werther Holzer (UFF) e Eduardo Marandola Jr. (Unicamp). Do conjunto de sua obra, rememoro aqui o fruto de reflexões compartilhadas expressas na obra Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia.[17] *A despeito de suas reflexões atuais, qual seria a função do lugar para os geógrafos humanistas?*[18] *Estaria o espaço noutros campos/tempos fora do lugar? E as chamadas essências geográficas?*

Eduardo Marandola Jr.: Esse livro foi muito importante para nós. Implicou um esforço de reunir reflexões daquele momento em torno do lugar, não apenas de autores ligados à Geografia Humanista, nem mesmo apenas geógrafos. Sem dúvida, lugar é uma das essências geográficas mais relevantes para os geógrafos humanistas, mas está muito além de seu campo, permeando debates no conjunto da ciência geográfica e em outras disciplinas. Por isso, a ideia do livro era repercutir possibilidades de pensar o lugar tanto na tradição humanista (a primeira parte) quanto associada às artes (segunda parte) e à Fenomenologia (terceira parte).

Sua pergunta me permite retomar o ponto das essências, assim como considerar melhor o lugar e as relações interdisciplinares.

Em primeiro lugar, nossa insistência em não tomar lugar, paisagem, espaço, região e território como categorias visa recolocar, ou reposicionar-se epistemológico e ontologicamente em relação à proposta Moderna de conhecimento. Considerar as essências geográficas remete diretamente, portanto, a uma postura ontofenomenológica dos modos geográficos de existência. Lugar seria modo-de-ser,

[17] MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Org.). Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. 328p.

[18] Do conjunto de eventos realizados no Brasil no campo da Geografia Humanista, destacamos em Londrina o Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente (SINPEC) em 2005 em Londrina os Encontros de Estudos sobre Geografia e Humanismo no período de 2006 a 2009, também em Londrina. Soma-se ainda, o Seminário Nacional sobre Geografia e Fenomenologia (SEGHUM), bem como, o Seminário de Trabalho do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural ambos na UFF e o Seminário sobre Geografia e Literatura na UEL, todos em 2010. Deste então, os eventos em Geografia Humanista têm ganhado força, mantendo periodicidade com público e volume de publicações cada vez maior. O periódico *Geograficidade*, vinculado a Universidade Federal Fluminense UFF é resultado do movimento crescente de reflexões neste campo. Vide a *Edição Especial Entre Passado e Futuro: SEGHUM 10 anos.* https://periodicos.uff.br/geograficidade/issue/view/2082

não uma substância ou apenas um sítio, como extensividade. Assim, o lugar não seria o próprio ser-no-mundo, ou a carnalidade, mas o modo de uma dada geograficidade que, como movimento, é manifestação em um processo contínuo de ocultar e desvelar (ou de presença-ausência). O geográfico, nesta perspectiva, como modo de existência, é constituído pelos diferentes modos-de-ser lugar, paisagem, território, espaço e região, sem uma hierarquia pré-definida.

Assim, quando organizamos este livro, planejamos tratar das demais essências em outras publicações, de mesmo tipo. O livro de paisagem foi planejado e acabou tendo dificuldades para ser editado. Mas entendemos que estas sejam reflexões que apresentam muitas possibilidades e alternativas, cuja projeção não visa o estabelecimento de um caminho privilegiado de estudo: é na multiplicidade que a Fenomenologia pode mais.

Isso é bastante significativo quando tomamos como referência a essência lugar. Ela tem uma grande relevância na Geografia contemporânea pelo seu apelo a questões que dizem respeito à existência, como as violências que imperiosamente tentam definir quem pode ou não pode existir. O lugar é por isso crucial na defesa política da diversidade, assim como no direito à diferença. Assim, é difícil, para mim, acompanhar a dicotomia artificial que se criou entre perspectivas humanistas que pretensamente seriam românticas e poéticas e perspectivas críticas que seriam realistas e centradas no conflito. Se lugar constitui a existência, ele não está fora ou dentro da política, nem fora ou dentro da poética. Trata-se de uma falsa dicotomização que diz mais respeito a campos acadêmicos do que ao fenômeno em si.

Isso não significa que foi pelo lugar (e pela paisagem) que parte do movimento humanista, nos anos 1970, conseguiu trazer uma significativa renovação para a Geografia. No entanto, nossa situação atual não é aquela, e se lugar (e suas lugaridades) são relevantes para pensar geograficamente a sociedade contemporânea, não é por sua filiação a campos e sim por sua importância na constituição dos diferentes modos de existência em diferentes escalas.

Isso nos leva à última parte de sua pergunta: considero que a opção pelo lugar não elimina as demais essências: elas co-pertencem ao mesmo fenômeno geográfico. No entanto, o espaço ganhou grande centralidade há poucos anos, considerando-se a história do pensamento geográfico. Pensamentos centrados no espaço ou no lugar por vezes concorreram, correspondendo a epistemes distintas ao longo dos anos e é evidente que a ênfase em um ou no outro implica posicionamentos que são também políticos. Fenomenologicamente, o espaço apresenta sentidos distintos daqueles que observamos nas vertentes que ajudaram a constituir a Geografia Moderna, o que o torna uma entre

outras essências, quebrando uma hierarquia que lhe atribui uma prerrogativa ontológica ou categórica. Em perspectivas (geográficas ou não) nas quais o primado moderno do espaço se impõe, o lugar se substancializa ou se converte em escala (hierárquica) com facilidade, o que não é o caso das perspectivas fenomenológicas, que não propõe este tipo de relação escalar entre as essências geográficas que buscam evitar a substancialização.

FSS: Por fim, quais são, na opinião de você, os (di)lemas e desafios práticos e também teóricos a serem enfrentados pelos/as geógrafo/as humanistas, sobretudo, brasileiros no século XXI?

Eduardo Marandola Jr.: Caro Fagno, penso que um dos maiores dilemas é resistir ao *modus operandi* do cotidiano acadêmico que nos conduz à busca de estabilidade nos moldes de uma "ciência normal" khuniana. A Geografia Humanista possui uma rica tradição, alguns heróis e heroínas, e é fácil cultivar esta tradição e ficar refém dos caminhos percorridos. Por algum tempo, até por necessidade de consolidar caminhos, os geógrafos humanistas trabalharam bastante em suas oficinas, e sinto que estamos em um momento de ir para a rua, ao encontro do Outro.

Duas tarefas me instigam, especialmente: a arqueologia da Geografia Humanista no Brasil, mas em um sentido prospectivo e não de aprofundamento nas mesmas bases, e a associação dos estudos humanistas a outros campos da própria Geografia.

No primeiro caso, que tem relação com o projeto da Geosofia, trata-se daquela ideia arendtiana de colocar-se na fissura do presente, tomando o passado como conjunto de possibilidades para serem retomadas na situação presente – o que fazemos quando partimos das experiências geográficas e de suas geograficidades. Precisamos assumir nossa situacionalidade histórica e geográfica e agir em nosso tempo, o que implica habitar este lugar estranho que se chama contemporâneo (para além do cronológico).

No segundo caso, é o tema do nosso XII Seminário Nacional sobre Geografia e Fenomenologia (XII SEGHUM), que deu origem ao livro recém-lançado pelo grupo: "Portais da Terra: Contribuições Humanistas para a Geografia Contemporânea 1". Trata-se do primeiro livro do GHUM, que reúne em três partes 17 contribuições originais dos membros do grupo para pensar temas transversais da Geografia, com destaque para as questões ambientais, políticas, educacionais e identitárias. O segundo volume reunirá as contribuições das mesas-redondas do evento, e aponta para esta direção que, após os anos de consolidação do campo e do grupo, projeta-se as perspectivas no âmbito mais geral da Ciência Geográfica.

Esta tem sido a tônica de minha atuação: nem sei se me apresentaria como geógrafo humanista em algum lugar, afinal, aprendi com Lívia de Oliveira, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro e Oswaldo Bueno Amorim Filho que a Geografia é uma só, e que podemos transitar entre campos, mas não nos limitar a eles. O mesmo aprendi com Daniel Hogan e seu rico trabalho interdisciplinar, ou tenho aprendido continuadamente com as leituras entre Arte, Filosofia e Ciência. É por isso que tenho me mantido ocupado com diferentes perspectivas e campos, como os estudos de população e ambiente, de urbanização e mobilidade, de riscos e vulnerabilidades, de literatura e arte. Transitar e dialogar, permear e deixar-se permear, este me parece o (di)lema que tenho para mim para os próximos anos.

FSS: Professor, foi um enorme prazer fazer essa imersão geográfica ao adentrar a oficina fenomenológica de Eduardo Marandola Jr. e as essências geográficas. Muito Obrigado!

REFERÊNCIAS

a) Livros, coletâneas e artigos

DARDEL, Eric. L'Homme et la Terre - nature de la réalité géographique. Paris, PUF, 1952.

CARMO, Roberto L.; MARANDOLA JR., Eduardo; de SHERBININ, Alex (Org.). Population and Enviroment: Special Issue Dedicated to the Memory of Professor Daniel Hogan. 1. ed. Springer, 2012. 170p.

HOGAN, Daniel Joseph; MARANDOLA JR., Eduardo. População e mudança climática: dimensões humanas das mudanças ambientais globais. 1. ed. Campinas: NEPO/UNFPA, 2009. 292p.

HOGAN, Daniel Joseph; MARANDOLA JR., Eduardo; OJIMA, Ricardo. População e ambiente: desafios à sustentabilidade. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2010. 106p.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990. EDUEL, Londrina, 2016, 392p.

MARANDOLA JR., Eduardo. CAVALCANTE, Tiago V. (Org.). Percepção do meio ambiente e geografia: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. 196p.

MARANDOLA JR., Eduardo. "Londrinas" invisíveis: percorrendo cidades imaginárias. 2003. 254f. Monografia (Bacharelado em Geografia) — Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2003.

MARANDOLA JR., Eduardo. Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano . São Paulo: Editora Unesp, 2021.

MARANDOLA JR., Eduardo. Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. 1. ed. São Paulo: Editora Blucher, 2014. 250p.

MARANDOLA JR., Eduardo; DANTONA, Álvaro O.; OJIMA, Ricardo (Org.). População, ambiente e desenvolvimento: mudanças climáticas e urbanização no Centro-Oeste. 1. ed. Campinas: Nepo/Unicamp, 2011.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia H. B. (Org.). Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. 1. ed. Londrina: Eduel, 2010. 354p.

MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther (Org.); BATISTA, Gustavo S. (Org.). Portais da Terra: contribuições dos estudos humanistas para a Geografia Contemporânea. 1 ed. Teresina: EDUFPI, 2023.

MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Org.). Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. 328p.

MARANDOLA JR., Eduardo; LIMA, Jamille. Qual humanismo para a Geografia Humanista?. In.: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther (Org.); BATISTA, Gustavo S. (Org.). Portais da Terra: contribuições dos estudos humanistas para a Geografia Contemporânea. 1 ed. Teresina: EDUFPI, 2023.

MARTINE, George; OJIMA, Ricardo; MARANDOLA JR., Eduardo. Dinâmica populacional e a agenda ambiental brasileira: distribuição espacial, desastres naturais e políticas de adaptação. 1. ed. Brasília: UNFPA, 2015.

MOTA E SILVA, Janaina de A.; MARANDOLA JR., Caminhos de Morte e de Vida — O geográfico e o telúrico no rio severino de João Cabral de Melo Neto, EDUEL, Londrina, 2011.

MOREIRA, Eidorfe. Amazônia: o conceito e a paisagem. Rio de Janeiro: SPVEA, 1960a.

_____. Ideias para uma concepção geográfica da vida. Belém: H. Barra, 1960b.

_____. Obras reunidas. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará; Belém: CEJUP, 1989. 8 v.

_____. Geografias mágicas. Belém: EDUFPA, 1985.

OJIMA, Ricardo; MARANDOLA JR., Eduardo (Org.). Dispersão Urbana e Mobilidade Populacional. 1. ed. São Paulo: Editora Blucher, 2016. 196p.

OJIMA, Ricardo; MARANDOLA JR., Eduardo (Org.). Mudanças climáticas e as cidades: novos e antigos debates na busca da sustentabilidade urbana e social. 1. ed. São Paulo: Editora Blucher, 2013. 272p.

OJIMA, Ricardo; MARANDOLA JR., Eduardo; MONTEIRO, Antonio M. V. (Org.). População, espaço e ambiente: mudanças ambientais e caminhos para a sustentabilidade no século 21. 1. ed. São Paulo: Editora Blucher, 2016.

OLIVEIRA, Lívia de; FERREIRA, Yoshiya N.; GRATÃO, Lúcia H. B.; MARANDOLA JR., Eduardo (Org.). Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Londrina: Edições Humanidades, 2006. 313p.

PADUA, Letícia C. T. A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências. 2013. 203p. Tese [Doutorado em Geografia Física]. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. 203p.

RELPH, Edward. An inquiry into the relations between phenomenology and geography. Canadian Geographer. 14 (3): 193-201., 1970.

SALVI, Rosana F.; MARANDOLA JR., Eduardo (Org.). Geografia e interfaces de conhecimento: debates contemporâneos sobre ciência, cultura e ambiente. 1. ed. Londrina: Eduel, 2011. 368p.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção. Hucitec: São Paulo, 1997.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Trad. de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

_____.Human Goodness. Madison: The University of Wisconsin Press, 2008.

_____. Paisagens do Medo. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

_____. Escapism. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998.

_____. The Good Life. Madison: The University of Wisconsin Press, 1986.

b) Artigos

MARANDOLA JR., Eduardo. Humanismo e a Abordagem Cultural em Geografia. Geografia (Rio Claro), Rio Claro, v. 30, n.3, p. 393-420, 2005.
_____.Na fissura do presente / In the disruption of the present. Geograficidade, 10(Especial), pp. 48-72, 2020.

_____. HOGAN, Daniel Joseph. Vulnerabilidades e riscos: entre Geografia e Demografia. Revista Brasileira de Estudos de População, São Paulo, v. 22, n.1, pp. 29-53, 2005.

_____. Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. Terra Livre, São Paulo, v. 2, n.25, p. 67-79, 2005.

_____. Lugar e lugaridade. Mercator, v. 19, p. 1-12, 2020.

_____. Fenomenologia como abertura para a interdisciplinaridade. Revista do NUFEN, v. 12, p. 1-25, 2020.

_____. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. Geograficidade, 3(2), pp. 49-64, 2013.

TUAN, Yi-Fu. Cultural Geography: Glances Backward and Forward. Annals of Association of American Geographers, 94, pp. 729-733, 2004.

_____. Perceptual and Cultural Geography: A Comentary. Association of American Geographers, 93 (4): pp. 878-881, 2003.

_____. Humanistic Geography. Annals of Association of American Geographers, 66, pp. 266-276, 1976.

c) Teses

CAMACHO, Adilson. R. A geografia no nascimento do mundo: existência e conhecimento.2008. Tese. [Doutorado em Geografia Humana]. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. Geografia Literária em Rachel de Queiroz. 2016. Tese. [Doutorado em Geografia] — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016.

CHIAPETTI, Rita Jaqueline N. Na beleza do lugar, o rio das Contas indo… ao mar. 2009. Tese. [Doutorado em Geografia] — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

DE PAULA, Fernanda Cristina. Resiliência Encarnada do Lugar: Vivência do Desmonte da Linha (Brasil) e em Mourenx (França). 2017. Tese. [Doutorado em Geografia]— Instituto de Geociências – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2017.

GRATÃO, Lúcia H. B. A poética d' "O Rio" – ARAGUAIA! De Cheias… &… Vazantes… (À) Luz da Imaginação!. 2002. 354p. Tese [Doutorado em Geografia Física]. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. 354p.

HOLZER, Werther. Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI. 1998. Tese [Doutorado em Geografia Humana] – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1998.

MARANDOLA JR, Eduardo. Habitar em Risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. 2008. 278f. Tese. [Doutorado em Geografia] – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

PADUA, Letícia C. T. A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências. 2013. 203p. Tese. [Doutorado em Geografia Física]. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. 203p.

ROCHA, Lurdes B. A região cacaueira da Bahia: uma abordagem fenomenológica. 2006. Tese [Doutorado em Geografia] — Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2006.

d) Dissertações

BERNAL ARIAS, Diana Alexandra. A Rosa do deserto: hidropoéticas do lugar no habitar contemporâneo. 2015. 120 f. Dissertação. [Mestrado em Geografia] — Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

BRANDÃO, Gabriela Gazola. Naturezas do habitar: da metrópole à pequena cidade. 2016. Dissertação. [Mestrado em Arquitetura e Urbanismo] — Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. A casa da mãe de Deus comporta o (outro) mundo: dinâmicas geográficas no Santuário de Fátima em Fortaleza-CE. 2011. 158f. Dissertação. [Mestrado em Geografia] – Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

DAL GALLO, Priscila Marchiori. A ontologia da geografia à luz da obra de arte: o embate Terra-mundo em "Out of Africa". 2015. 97 f. Dissertação. [Mestrado em Geografia] — Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

DE PAULA, Fernanda. Constituições do habitar: reassentamento do Jd. São Marcos para o Jd. Real. 2010. Dissertação. [Mestrado em Geografia] – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

DE PAULA, Luiz Tiago. Fenomenologia dos espaços públicos: entre as certezas e inseguranças da experiência urbana. 2016. 107 f. Dissertação. [Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas] — Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Limeira, 2016.

FERREIRA, Rafael Bastos. Mundo-da-vida como fundamento vital para as políticas da adaptação. 2016. 97 f. Dissertação. [Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas] — Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Limeira, 2016.

GALVÃO FILHO, Carlos Eduardo Pontes. Por abismos… casas… mundos… a geosofia como narrativa fenomenológica da geografia. 2016. Dissertação. [Mestrado em Geografia] — Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

GONÇALVES, Thiago Rodrigues. O lugar-samba no Bixiga: memória e identidade. 2014. Dissertação. [Mestrado em Geografia] — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

HOLZER, Werther. A geografia humanista: sua trajetória de 1950 a 1990. 1992. Dissertação. [Mestrado em Geografia] – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

MARANDOLA, Hugo Leonardo. Marcas-matrizes na paisagem do bairro rural Elihu Root: um trilhar humanista. 2017. 109f.
Dissertação. [Mestrado em Geografia] — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

REIS, Deyvid F. A cidade do morador de rua e o morador de rua na cidade. 2013. Dissertação. [Mestrado em Arquitetura e Urbanismo] — Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

ROCHA, Lurdes B. Signos e significados do Centro da cidade de Itabuna-BA. 2001. Dissertação. [Mestrado em Planejamento Urbano e Regional] — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

ROSAS, Gabrielle Mesquita Alves. A escola na escala do bairro: políticas públicas urbano-culturais e o legado do Programa Bairro Escola de Nova Iguaçu. 2016. 177f. Dissertação. [Mestrado em Arquitetura e Urbanismo] — Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

SUESS, Rodrigo Capelle. Geografia Humanista e ensino-aprendizagem: perspectivas em Formosa-GO. Brasília-DF, 2016. 171 p. Dissertação. [Mestrado em Geografia] – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.